

INFÂNCIA E EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DA VILA OPERÁRIA MINEIRA PRÓSPERA EM CRICIÚMA SC: 1945-1961

Marli de Oliveira Costa/UFRGS-UNESC*

Introduzindo a temática

(...) Os meninos bem barrigudinhos, não usavam calção, as meninas também, às vezes, andavam [sem roupa], isso era comum. Ninguém usava calçado, todos descalço, a gente ia para a escola tudo descalço, eu lembro assim que aquele carvão queimava nos pés. (José da Silva, 1998).

Em 1971, minha família retornou à cidade de Criciúma depois de 05 anos em outra cidade. Recordo, com algumas nebulosidades próprias da memória ou como diria Pierre Nora, “lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas transferências, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993) E que, no entanto me foram “significativas”, as impressões que tive aos 06 anos de idade quando entramos nessa cidade. A paisagem era cinzenta, casas escuras, sem pintura e enfileiradas, as ruas cobertas por uma camada espessa de pirita (o rejeito do carvão), a caixa de embarque do carvão¹ ao lado da igreja que era a única construção colorida do local; um cheiro forte que não sabia identificar pairava no ar, era o enxofre. Nesse lugar configurava-se uma das mais antigas vilas operárias mineiras de Criciúma - A Vila Operária da Próspera.² Busco essas lembranças como motivação para a investigação que proponho discutir nesse texto: as experiências da infância em uma das vilas operárias mineiras de Criciúma-SC, entre os anos de 1945 e 1961, tempo do apogeu da mineração, devido ao incentivo do governo federal à indústria nacional e conseqüente instalação da Companhia Siderúrgica Nacional-CSN. Empresa que assumiu a maioria das ações da Carbonífera Próspera em 1952. A intervenção de uma estatal resultou em uma série de “benefícios”. As casas operárias construídas pela CSN possuíam um maior conforto com o número maior de cômodos sendo que algumas eram feitas em alvenaria.(COSTA, 1999).

O acesso às informações contidas nesse texto deu-se por meio de minha pesquisa de mestrado³ e da participação no Grupo de Pesquisa Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina⁴. Assim, fotografias, recortes de jornais, relatórios e histórias de vida oferecem subsídios que cotejados, mostram aspectos da vida da infância nesses espaços.

As atividades carboníferas no Sul do estado de Santa Catarina tiveram início no final do século XIX, a partir da descoberta do carvão no município de Lauro Müller. A

exploração no subsolo deu-se além de Lauro Müller nas cidades de Urussanga, Siderópolis e Criciúma, porém essas atividades envolveram outros municípios do sul do estado por meio do beneficiamento do carvão (lavador de Capivari), do transporte (Portos de Imbituba e Laguna e ferrovia) e do trabalho da mão-de-obra, visto que centenas de pessoas se deslocaram de suas cidades para o trabalho efetivo na mineração, fato que gerou um problema: Onde habitariam essas pessoas? A solução foi a construção de casas pelas empresas mineradoras.

As habitações operárias na região carbonífera de Santa Catarina seguiram os modelos das habitações operárias de centros urbanos como Paris e Londres no século XIX (PERROT, 1992), e também, São Paulo e Rio de Janeiro no final do século XIX, início e meados do século XX com a emergência da industrialização nesses lugares levando a construção de habitações como os cortiços, as pensões e as casas operárias junto às fábricas, formando as Vilas Operárias. Sobre a vida das crianças na vila em discussão pode-se perguntar: Como as crianças viam o local de moradia? Como experimentavam esse local? Havia lugares específicos para as crianças? Quem intervinha na infância?

A vida das crianças nas vilas operárias mineiras

Os meninos andavam na rua, as famílias eram muito numerosas e as crianças ficavam pelas ruas. Você podia subir o morro, você chegava no topo do morro e enxergava estrelado de crianças⁵

As narrativas sobre a vida nessas vilas emergem das lembranças do tempo de infância de antigos moradores. A memória se apresenta como uma forma de conhecimento da realidade e de si mesmo, um instrumento para problematizar o tempo. Como reflete Henri Bérson, ao discutir na teoria da memória, a associação e a seleção:

(...) então compreendemos por que as leis da associação são a semelhança e a contigüidade e não outras leis, e porque a memória escolhe entre as lembranças semelhantes ou contíguas, certas imagens em vez de outras, e enfim como se formam, pelo trabalho combinado do corpo e do espírito as primeiras noções gerais. O interesse de um ser vivo é perceber em uma situação presente o que se assemelha a uma situação anterior, em seguida aproximar dela o que sucedeu (...) (BERGSON, 1999. p. 283.)

As casas das Vilas Operárias variavam de acordo com as funções ocupadas na mineração, ou seja, a divisão social do trabalho. Era uma diferenciação que envolvia as condições de moradia e os espaços de entretenimentos⁶. Os “graúdos” como se refere em uma outra entrevista sobre a Próspera o Sr. Prudêncio Constantino da Silva⁷, ao citar o pessoal do escritório, habitavam casas com um maior número de cômodos e com mais conforto enquanto os “pelos duros”, como fala José da Silva, moravam em casas menores e

próximos as “bocas das minas”. As lembranças sobre as Vilas evocam também o açougues, o armazém, a escola, a capela, o campo de futebol, a farmácia, o posto de puericultura, a “carioca”(local de abastecimento de água potável), as minas, a caixa de embarque do carvão, as “pontas de pedra”, a estrada de ferro, o chuveiro coletivo, etc. Luzia da Silva descreve a Vila Operária:

Esta avenida aí embaixo era carvão puro. A gente subia de chinelo, um chinelo que o Seu Antônio sapateiro fazia, assim trançado de sola de pneu. Então, a gente usava aquele chinelo ali, mas olha para atravessar aquela rua, precisava passar, se sujava até o joelho de pântano. Passava aqueles caminhões derrubava aquela moinha lavada, molhada. Aquela aguaria, aquela sujeira, tinha cheiro de enxofre.⁸

Nesses espaços, as crianças conviviam diariamente e neles realizaram relações de troca de experiências, ora o espaço oportunizava certas experiências, ora os meninos e meninas criavam o seu jeito de lidar com o local, atribuindo a ele a característica de um “lugar” pelas relações que passaram a representar nas suas vidas.

A casa e a família

Embora a rua e o quintal fossem o lugar em que passavam a maior parte do dia, assim que aprendiam caminhar, pois o tamanho das casas eram, na grande maioria, muito pequenos para o tamanho das famílias, que tinham em média de 07 a 08 filhos e os pais mineiros, muitas vezes trabalhavam durante à noite e descansavam durante o dia. As casas apresentam-se de forma significativa na vida das crianças desde seu nascimento. A forma como os narradores evocam a casa de suas infâncias, mesmo sendo algumas em condições precárias, cheias de buracos, com cômodos minúsculos, mostra esse significado especial.

José da Silva lembra que à noitinha, depois da janta, na beira do fogão à lenha, o pai ensinava, “dava uma desemburrada na gente”, ensinava as letras do alfabeto, cobrava o catecismo e contava os "causos" que aprendera em sua terra, no litoral. Recorda também que as crianças obedeciam pelo olhar dos pais, um olhar reprovador e que inibia o comportamento e, que em muitos lares o comportamento era controlado pelas surras. Na distribuição dos cômodos das primeiras casas operárias, não havia um lugar específico para ninguém ou para alguma respectiva função, visto que quartos e camas eram repartidos, a cozinha e a sala, muitas vezes, transformavam-se em dormitórios à noite. A CSN, porém, ao construir essas moradas tratou de organizar o espaço de repouso que era visto pelas autoridades como promíscuo, mesmo assim, à noite, as crianças repartiam com os irmãos a cama. As casas continuavam pequenas para o número elevado de filhos e filhas e a solução

encontrada era colocar camas de casal nos quartos, às vezes, com o cuidado de separar meninos e meninas.

Nem todos os pais tinham o hábito de ensinar os filhos como o pai do Seu José, mas as lembranças de histórias em volta do fogão à lenha são muito presente nas narrativas dos tempos de infância. Por meio dessas histórias eram repassados valores, experiências de vida, que contribuíam na formação dos meninos e meninas. Experiência que se aproxima das reflexões de Walter Benjamin sobre a figura do narrador:

A verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida- de qualquer maneira , o narrador é um homem que sabe dar conselhos.(BENJAMIN, 1985. p. 200)

A maioria das crianças nascia em casa. Quando as mulheres sentiam as primeiras dores do parto, seus maridos ou quem com elas estivessem, iam chamar uma das parteiras das Vilas ou de seus arredores. O sucesso dos partos variava de acordo com as condições físicas das mulheres, do ambiente onde era realizado e da experiência das parteiras adquirida durante os anos de prática. Nas entrevistas que realizei, não encontrei casos onde a mãe morrera ao parir, mas encontrei casos de partos muito difíceis. D. Zenaide Vieira Zeferino, moradora da Vila da Próspera, aos 14 anos, perdeu sua primeira criança com sete meses de gestação. Ela não recebeu assistência médica porque não usufruía o direito a este tipo de assistência, em virtude de não ser legalmente casada com o pai de seu filho. D. Duzulina, a parteira mais famosa da Próspera foi quem retirou do ventre a criança já morta.⁹ O “mal de sete dias” é freqüentemente citado por alguns narradores, trata-se da morte aos sete dias após o nascimento e diz respeito ao tétano. Nem todas as mães preparavam enxovais para os recém-nascidos e, ao nascerem, muitos bebês eram enrolados em alguns panos improvisados. D. Irene Daré Pizzetti recorda que a parteira Lúcia Miliolli usava sempre uma saia comprida e, muitas vezes, após lavar o bebê, arrancava a saia debaixo para vestir as crianças muito pobres. Outras mães preparavam os “cueiros” para enrolar os filhos recém-nascidos.¹⁰ A maioria das crianças eram amamentadas com leite materno, mas aquelas que, por algum motivo, não pudessem recebê-lo, consumiam leite de cabra, pois os cabritos eram abundantes na Vila da Próspera. Depois de crescerem um pouco, passavam para o mingau de farinha de mandioca até ingerirem alimentos utilizados também por adultos. Depois dos “cueiros”, passavam a usar os casaquinhos de pelúcia, as

camisas de algodão, os calções. Mas, os menores de seis anos, provavelmente no verão, andavam nus ou seminus pelas ruas das Vilas.

Alimentação, vestes e também o banho fazem parte dos primeiros cuidados com o recém-nascido. Como era a condição de higiene nas casas operárias? Em geral as casas possuíam uma pequenas dispensa ou banhava-se em banheiras de alumínio nos quartos: “Os banhos eram banhos “checos”. O pessoal tomava banho de banheira, de gamela. [...]Antes disso porém, a gente esquentava água, levava para o quarto, botava uma cortina e ali banhava-se a família inteira um, por vez”¹¹, recorda o Sr. José da Silva.

Em toda a região carbonífera, um dos maiores problemas era a falta d’água e a contaminação muito rápida dos rios e cachoeiras. Quando as Irmãs da Congregação Pequenas Irmãs da Divina Providência vieram trabalhar como assistentes sociais na Próspera em uma parceria entre a Carbonífera Próspera, o Serviço Social da Indústria-SESI¹² e a igreja católica, o banho era um problema que consideravam urgente de ser resolvido, por isso solicitaram a carbonífera a construção de um banheiro coletivo. O relatório das irmãs ao SESI com o título “No domingo da higiene” mostra como se deu a instalação e como era o uso:

Com a finalidade de acostumar as crianças ao banho ao menos semanal, pedimos ao Sr. Diretor da Companhia Carbonífera Próspera um chuveiro para as crianças, no que fomos atendidas em toda a solicitude. Instalamos o chuveiro elétrico nas proximidades da Escola, convidamos algumas crianças que a princípio se mostravam temerosas da “experiência”, mas, depois fizeram boa propaganda. O banho foi marcado para todo o sábado, às 14 horas. Os meninos de um lado e as meninas do outro. Observamos de perto a sujeira, mormente das meninas. Tinha-se a impressão de quem nunca haviam lavado os cabelos. Para penteá-los gastava-se boa dose de tempo e paciência. Hoje o chuveiro é procurado com alegria pela meninada que ali ocorre, aos sábados, levando até crianças de colo e dizendo: - deixa irmã, meu irmãozinho tomar banho de chuveiro para ver como é bom.¹³

As irmãs também ofereceram um curso de “enfermagem caseira”, onde além de ensinarem a fazer curativos e aplicar injeções, havia uma “especificidade” como chamaram o “banho em recém- nascidos” Buscaram oferecer esse curso devido ao que encontravam nas visitas domiciliares que realizavam. Registraram em relatório para o SESI uma visita em que o recém- nascido estava com os olhos fechados e quase cego em função de uma “sapecta”, pois, a mãe não lavava os olhos da criança há meses. Ao se colocarem como vigilantes sanitárias, respaldadas pela autoridade religiosa, as Irmãs ou eram bem recebidas ou as donas de casa “driblavam-nas”, “Oferecemos para dar banho nas crianças e limpar a casa, mas a Sra. F. recusou e prometeu que faria ela mesma o trabalho. No dia seguinte ao chegar deparamos com toda a família de roupa trocada sem passar e, sem levar ao corpo

nem uma gota d'água sequer".¹⁴ A preocupação com a saúde das crianças deu-se em decorrência de haver em toda região carbonífera um elevado índice de mortalidade infantil.

A mortalidade infantil

Os relatórios médicos e as visitas das freiras colocam que nas Vilas Operárias mineiras, os cuidados com as crianças não obedeciam a certas regras de higiene e saúde difundidas pelo saber médico. As enfermidades eram tratadas em casa com chás e simpatias, poucos iam ao médico. As crianças, geralmente, sofriam com as epidemias de sarampo, coqueluche, varíola e outras, além de muitas não suportarem as crises de desidratação, devido aos problemas com a poluição da água e falta de saneamento básico. As crianças defecavam em qualquer lugar, além de ficarem muito tempo expostas ao sol, em atividades nas ruas. Segundo os médicos, o baixo valor nutritivo dos alimentos ingeridos pelas crianças, filhas e filhos dos mineiros, em toda a região, era uma das causas das doenças. A mortalidade infantil era muito grande. D. Elisa Martins descreve os enterrinhos: “meu Deus do céu! Era uma caixãozada, não era um, nem dois...meu pai trabalhava na carpintaria, tinha dia dele fazer seis, sete caixãozinhos para crianças...”¹⁵ A preocupação com a saúde e sobrevivência das crianças, filhos e filhas de operários, ocupou boa parte do espaço dos jornais deste período (1950), em colunas escritas por médicos. Na “Tribuna Criciumense”, em 1957, o médico Manif Zacharias discutiu continuamente a mortalidade infantil em várias edições do jornal e coloca a mortalidade infantil em Criciúma como “um problema médico social de caráter profilático e preventivo”. Manif Zacharias afirma:

A ignorância conduzindo as infelizes e pequenas vítimas às benzeduras e aos “chás” das comadres, às “garrafadas” dos curandeiros e as “drogas” “milagreiras” dos boticários com pretensões a doutores.(...)

Esta mesma miséria que priva a criança pobre, o LACTENTE (a expressão significa-que ainda mama) de seu alimento essencial, o leite, substituindo em inúmeros casos constatados na clínica diária, pelo pirão ou mingau de farinha e água. A ignorância e a miséria de mãos dadas, gerando a promiscuidade entre crianças e adultos doentes ou animais, o uso cotidiano de água poluída e alimento de baixo valor nutritivo tanto pela qualidade, a falta de roupas e agasalhos adequados a cada época do ano e tantas coisas mais, hoje em dia em nossa terra, privilégio das famílias ricas e da classe remediada.¹⁶

As mineradoras iniciaram algumas campanhas de vacinação. A CSN foi exemplo: “A campanha desencadeada teve ajuda da CSN, que despendeu grande soma para importar a vacina Salk, que combate o mal. Os filhos de empregados que variam de 6 meses a 7 anos de idade serão vacinados gratuitamente.(...)”¹⁷

O empenho maior das freiras, no entanto, deu-se na efetiva reeducação das crianças, procurando ocupar o seu tempo livre. “A gente queria uma reeducação. Agora é de notar o seguinte, que a reeducação que a gente buscava era nos padrões da época.”¹⁸ O “padrão da época”, pronunciado na fala de Irmã Claudia aproxima-se da reflexão de Maurice Halbwachs quando ao discutir a memória coletiva “não são somente os fatos, mas as maneiras de ser e de pensar de outrora que se fixam assim dentro de sua memória”.(HALBWACHS, 1990. p. 66.) Para alcançar a vida das crianças, as freiras entraram em suas casas, na escola e tentaram retirá-las das ruas.

A rua como local de uma cultura da infância

A rua garantia aos meninos e meninas um universo de múltiplas relações, que iam desde brincadeiras até atividades remuneradas, de contatos com outras crianças e contatos com adultos. No livro "Quando A Rua Vira Casa", os autores, refletindo sobre alguns bairros de periferia do Rio de Janeiro, colocam que nesses lugares a rua e a casa estão dentro da mesma representação, pertencem a um mesmo conjunto. A rua não é vista como algo perigoso e estranho para a população, por isso, “não há o que temer em as crianças ficarem na rua.”¹⁹ No caso das Vilas Operárias mineiras, a permanência das crianças na rua e seu uso coletivo como extensão da própria casa pode ter sido em função da impossibilidade de todos ficarem dentro de casa durante o dia. As famílias eram numerosas e os cômodos das casas pequenos e insuficientes. O que faziam os meninos e meninas pelas ruas cobertas de carvão?

As crianças trabalhavam

Levavam almoço para os mineiros, meninos e meninas. “Ah! Uma coisa interessante que a gente fazia quando era guri, era carregar o almoço para os mineiros na mina.”²⁰ Quem levava o almoço era chamado de “almoceiro”. Eu também fui “almoceira”, diz D. Luzia, e juntamente com o irmão, recorda como alguns faziam para poder levar vários almoços de uma só vez. Penduravam duas panelas em um arame e mais duas em outro. Assim levavam nos ombros quatro panelas de almoço.²¹ Outros levavam de carrinho-de-mão a quantidade de almoços, cuja entrega eram responsáveis. Esse trabalho exigia responsabilidade, pois as crianças pegavam o almoço às 10h e 30min na casa do mineiro, para chegar à boca da mina, no máximo, às 12 h, horário de seu almoço. As crianças que eram “almoceiras” recebiam uma remuneração mensal do mineiro. Na volta do trabalho, comiam o que sobrava dos almoços.

Outras crianças vendiam, em balaios, alguns alimentos. D. Elisa lembra que seus irmãos criaram-se na rua vendendo pão, rosca, doce (...) Um outro trabalho efetuado por crianças era o de encontrar pedras de carvão aproveitáveis que escapavam da escolha. As “escolhedeiras”, ao escolher o carvão, jogavam fora os rejeitos, que foram se acumulando e formando uma montanha, próxima ao galpão da escolha, a “Ponta da Pedra”, como ficou conhecida na lembrança dos moradores.²² Nesse local, dezenas de crianças e mocinhas buscavam pedras de carvão. Com picaretinhas, batiam na “Ponta da Pedra” em busca de pedras do “ouro negro” para vender e, sendo que a venda era efetuada para a própria Carbonífera. Com o dinheiro que recebiam ajudavam nas despesas da casa. O trabalho das crianças se dava, principalmente, em função da ausência do pai, que na maioria das vezes, havia morrido em consequência da mineração.²³ O Código de Menores de 1927 proibiu o trabalho de crianças até 12 anos. Mesmo assim, muitas empresas burlavam a lei. No período de 1945 a 1960, não encontrei crianças contratadas nas minas, mas, os trabalhos sob forma de “biscate” que exerciam repercutiam direta ou indiretamente na mineradora. Algumas tarefas domésticas eram também de responsabilidade das crianças, como buscar lenha nos matagais próximos à vila, enfrentar as filas no armazém e na “Carioca” e tomar conta dos irmãos menores. Entre uma atividade e outra, ou mesmo durante as tarefas, as crianças brincavam.

As crianças brincavam

“Nós brincávamos na rua, no quintal, fazia amarelinho, jogava bolinha de gude, casinha, cozinhadinho (...)”²⁴ Os brinquedos e as brincadeiras se inserem no longo processo histórico pelo qual passam as crianças. Representam um meio para se chegar ao uso coletivo do mundo dos adultos, pois neles a criança trabalha questões importantes como o medo, a fantasia, o faz-de-conta, além de experimentar relações sociais presentes no grupo social ao qual pertence, como a cooperação ou a competição, o ganhar ou perder, comandar ou subordinar-se.(SILVA, 1989.) Os relatos de quem foi criança nesse tempo dão visibilidade às vivências na rua, onde, em contato com outras crianças, deixavam fluir suas trapaças e jogos. Ao ouvir tais experiências, lembrei de Michel de Certeau quando aponta as táticas, jogos de astúcia que driblam uma “ordem estabelecida”.(DECERTEAU, 1990) Quanto a estas “ordens”, há diferentes formas de encará-las: entrar nelas, resistir com luta ou driblá-las, fingir aceitar e resistir com “bricolagens”. Como se percebe nessa fala:

Uma coisa curiosa das nossas pescarias é que a gente passava lá para a ilhazinha porque lá era melhor, dava para sentar, para ficar pescando, então o pessoal que morava ali na rua, que não lembro o nome, na primeira rua do lado do açude, em geral lavavam roupa no açude, mas tinham umas senhoras que tinham coxo. Coxo é tanque de madeira, só que elas não deixavam em cima de um tripé, elas deixavam no chão, se ajoelhavam ali e lavavam a roupa. O que a gente fazia, quando a dona do tanque não estava por ali. A gente embarcava dentro do tanque, alguém botava a mão ali no furo para não entrar água e usava o coxo como barco para atravessar e ia para o outro lado. Quando a dona chegava para lavar roupa, o coxo estava do outro lado. “Eu vou contar para o teu pai, vou contar para tua mãe”. E aí a gente ficava lá pescando e depois trazia de volta...²⁵

Transformar objetos, inventar brinquedos com o que encontravam na Vila, parecem ter sido atividades com as quais as crianças se ocupavam, lembro novamente de Michel Certeau (DE CERTEAU, 1990. p. 75-86) e das “artes de fazer” da cultura popular, do aproveitamento de sucatas, do material disponível no ambiente, pois as mesmas tinham pouco acesso aos brinquedos industrializados. Como diria Walter Benjamin: “com isso as crianças formam seu próprio mundo de coisas, mundo pequeno inserido em um maior.”(BENJAMIN, 1984)

D. Lurdes Daré Pizzetti Machado lembra da utilidade das folhas de coqueiros para escorregar pela Ponta da Pedra: “Nós éramos pequena eu e minha irmã, nós pegávamos essas canoas de coqueiro e aí lá em cima na “Ponta da Pedra” brincar de escorregar(...) Nós brincávamos o dia inteirinho na Ponta da Pedra, de escorregar com a canoa de coqueiro.”²⁶

Depois de transcrever as entrevistas em que “narradores/as” descrevem com detalhes a “arte de brincar”, imaginei os meninos e algumas meninas procurando, entre os morros, barro para fabricarem suas “pelotas”, cozinhando-as ao sol ou no fogão de rua de uma das mães, para alcançar as matas dos arredores e caçar passarinhos com suas “fundas”.²⁷ As brincadeiras, cada uma em sua época — o tempo do peão, o tempo da bolinha-de-gude, o da pandorga, o do ioiô e do bilboquê. Os famosos “cozinhadinhos”, batizados de boneca, brincadeiras de roda e a “pelada” com uma bola feita de restos de vassoura ou de pano, além dos carrinhos de carretel. No Natal, ou “no tempo do menino Jesus”, como recorda D. Zulma Crispin, a CSN” se encarregava de dar brinquedos aos filhos e filhas dos mineiros: bonecas de plástico para as meninas e bolas de futebol para os meninos. Além de suas brincadeiras receberam a intervenção do trabalho das freiras. Das atividades desenvolvidas pelas Irmãs destaque: os times de futebol, o Coral Infantil e a Banda de Música.

Os Times de futebol

O relatório do SESI de 1955 mostra o que motivou as Irmãs na criação dos times de futebol e como isso aconteceu:

Aos primeiros dias de nossa chegada à Próspera, veio visitar-nos tomados de curiosidade, uma turma de mais ou menos 50 meninos, sujos e maltrapilhos. Em conversa animada contaram-nos as suas 'façanhas' com toda desenvoltura empregando uma linguagem baixa, deixando-nos entrever o estado deprimente de suas pequenas almas. Formou-se uma seqüência de denúncias: - sabe Irmã, o fulano rouba tantos peixes no caminhão!..."- "É você, rouba dinheiro de seu pai para comprar cachaça!"- Isto não sou eu sozinho, o fulano e o sicrano também faz."- "É mentira Irmã, eu só roubei torradinha lá na praça e laranja crava numa carroça!" E os despropósitos continuavam...Na tarde seguinte, a visita se repetiu com maior número de crianças e o assunto ventilado ainda foi o mesmo, intercalado somente com alguns conselhos e orientações nossas, cuidadosamente dosados, para não tolher a encantadora espontaneidade dos meninos.Os encontros se repetiam diariamente e ao cabo de dois meses estava firmada uma sólida amizade entre os 50 " moleques" e as Irmãs. (...)Iniciamos então o movimento de futebol. Foi um alvoroço! Todos queriam jogar e para satisfaze-los criamos vários times. O time oficial, porém, foi organizado com os elementos mais capazes e recebeu o nome de Esporte Clube Michel, em homenagem a nossa venerada Madre Fundadora, que em sua vida de apostolado, teve especial amor aos meninos. (...) Salientamos o trabalho dos técnicos, que desenvolveram nas crianças o espírito de ética esportiva. Atualmente os meninos têm outro modo de viver. São amigos, desempenham o espírito de cooperação, os cargos que a eles confiamos. O time é largamente conhecido e apreciado, quer pelo valor esportivo, quer pela atitude que se apresentam os componentes.

No esporte desenvolve-se a disciplina, o respeito às regras e à organização. O futebol estabelece uma "ordem", quem participa deve entrar dentro dessa "ordem", caso contrário não pode jogar. Quase todos os meninos foram envolvidos neste trabalho e o futebol, segundo Ir. Cláudia, ajudou muito, pois, pouco a pouco, os meninos envolvidos foram deixando de praticar algumas "sacanagens", como o furto.

Coral infantil e a Banda de música

Havia um coral para meninas e um coral para meninos. Pois as irmãs queriam ocupar o tempo das crianças "com cousas úteis e instrutivas".D. Elisa ajudava no coral de meninas, que funcionava junto à catequese. Ir. Cláudia, que dividia os trabalhos com outra freira, ficava trabalhando apenas com as meninos e coordenava o coral. Eram 16 meninos. O coro de meninos foi fundado em 1956. Era comum ver a Irmã em seu jipe, com os 16 meninos amontoados, dirigindo-se para apresentações em missas e outras comemorações. José da Silva recorda que cantavam em latim nas missas. No relatório para o SESI, as Irmãs chamam o coral de "Canários da Próspera". O coral de meninos terminou quando estes cresceram e suas vozes se modificaram, o que levou a Irmã a formar, em 1958, uma banda de crianças. A bandinha Infantil "Filho do Mineiro". José da Silva recorda as atividades musicais:

No começo não tínhamos instrumentos. Treinávamos com pauzinhos. O maestro solfejava as notas e nós com os dedos fazíamos de conta que o pedaço de pau era um

instrumento, abaixávamos e levantávamos os dedos como se houvesse “pistas” . Os ensaios eram feitos na E.R. José Martinelli, depois, mais tarde, no atual posto médico, próximo à chaminé.²⁸

A banda era muito solicitada e o trabalho das freiras valorizado, tanto que a cidade se empenhou em contribuir para o sucesso da mesma, como mostra a reportagem do jornal “A Tribuna Criciumense” de 03/05/1959:

Vem constituindo motivos gerais de aplausos, o magnífico trabalho das religiosas e do Sr. Altair Cascaes no preparo de uma banda musical no bairro Próspera, integrada por menores, filhos de mineiros (...).O SESI e a direção da Sociedade Carbonífera Próspera vêm auxiliando essa “bandinha”, que como é sabido, enfrenta toda uma sorte de dificuldades (...). Fazemos um apêlo a generosidade do nosso povo...para auxiliar materialmente para o desenvolvimento da bandinha.²⁹

O interesse da comunidade cricumense culminou com um festival artístico em benefício da Banda “Filho do Mineiro”, no Cine Teatro Milanês da cidade.³⁰ A bandinha tinha também um programa semanal na rádio Eldorado, chamado “Bandinha Toca...Toca....Toca” que era aberto com a voz do locutor: “Reanima o menino que adormeceu em cada um de nós e mostra para os garotos de agora que os sonhos se realizam”, recorda José da Silva.

Ao me retirar do texto

As crianças dessas Vilas tiveram em sua formação a presença de um ambiente degradado pelo carvão. Habitaram casas, cujas paredes não as isolavam da rua. Conviveram com o trabalho nas minas por meio de seus pais. Tiveram seu tempo livre ocupado com atividades dirigidas pelas freiras trazidas pela empresa CSN e pelo SESI. Experimentaram também a escola, a catequese, as festas dos santos padroeiros, freqüentaram o cinema trazido pela CSN e tantas outras. Com certeza, não estiveram passivas a tudo isso, elaboraram, adaptaram, desobedeceram, driblaram a ordem, como fala Michel de Certeau. A oportunidade de lembrar os tempos de infância não os faz revivê-los, mas faz parte do trabalho de refazê-los refletindo os significados dessas experiências, relacionando passado e presente. Suas lembranças fazem parte de um passado coletivo, são experiências vivenciadas por meninos e meninas de uma realidade, as vilas operárias, ou como coloca Maurice Halbwachs: “a medida em que a criança cresce e sobretudo quando se torna adulta, participa de maneira mais distinta mais refletida da vida e do pensamento desses grupos dos quais fazia parte, inicialmente , sem disso aperceber-se .” HALBWACHS, 1990. p.71.

NOTAS

- * Estudante do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Professora de História da Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC.
- 1 Local em que eram carregados os vagões do trem com o mineral para embarque no porto de Imbituba.
 - 2 A Companhia Carbonífera Próspera foi criada em 1920, em 1952 a CSN comprou a maioria de suas ações.
 - 3 Que resultou na dissertação intitulada: “Artes de viver”: recriando e reinventando espaços - memórias das famílias da vila operaria Próspera/ Criciúma (1945-1961).
 - 4 O grupo é ligado à Diretoria de Pesquisa da Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC e vem pesquisando a região carbonífera desde 2001.
 - 5 Entrevista realizada por Marli de Oliveira Costa com a Ir. Cláudia de Freitas. Criciúma, 1996.
 - 6 Os espaços de entretenimento eram divididos da seguinte forma: a empresa construiu um clube recreativo para os trabalhadores “brancos” e um para afro-descendentes.
 - 7 Entrevista realizada por Marli de Oliveira Costa. Criciúma, 1997.
 - 8 Em entrevista a Marli de Oliveira Costa. Criciúma, 1996.
 - 9 Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa. Criciúma, 1996.
 - 10 Entrevista realizada por Marli de Oliveira Costa. Criciúma, 1996.
 - 11 Faixas de pano, utilizadas para enrolar a criança recém nascida durante os primeiros dias de vida.
 - 12 Lembrança de José da Silva. Criciúma, 1996.
 - 13 Em 1955, o SESI desenvolveu projetos de auxílio à população das Vilas Operárias: higienização das famílias, implantação de farmácia, organização dos armazéns das empresas, criação de jardim de infância e atividades recreativas para as crianças. As Irmãs da Congregação da Divina Providência atuaram nestes empreendimentos.
 - 14 Relatório do Trabalho das Irmãs ao SESI. No domingo da higiene. Criciúma, 1956. P.12.
 - 15 Idem. Casos individuais. Criciúma, 1957. p.23.
 - 16 Entrevista com Elisa Martins a Marli de Oliveira Costa. Criciúma, 1996.
 - 17 Tribuna Criciumense, 27 maio 1957.
 - 18 Vacina contra a poliomielite. PIACENTINI, Álvaro Luiz. Tribuna Criciumense, 5 ago. 1957.
 - 19 Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa. Criciúma, 1996.
 - 20 Quando a Rua Vira Casa. A apropriação de espaços de Uso coletivo em um Centro de Bairro. Coord. de Carlos Ferreira dos Santos e Arno Vogel. Convênio IBAM/FINEP. 2.ed. ver. e atualizada. Rio de Janeiro. 1981.
 - 21 Lembrança de José da Silva. Entrevista de 1996.
 - 22 Luzia da Silva. Entrevista de 1996.
 - 23 “Escolhedeiras” foi o nome que a população deu às mulheres que trabalhavam na escolha do carvão.
 - 24 Acidentes nas minas e problemas com as vias respiratórias.
 - 25 Lembrança de Zenaide Vieira Zeferino. Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa. Criciúma, 1996.
 - 26 Lembrança de Rosária Meis. Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa. Criciúma, 1998.
 - 27 Lurdes Daré Pizzetti Machado. Entrevista realizada por Marli de Oliveira Costa. Criciúma, 1998.
 - 28 As crianças dos operários brincavam com os filhos/as dos colonos. Alguns colonos tinham na rua um fogão para cozinhar roscas e pão.
 - 29 Lembrança de José da Silva. Entrevista de 1997.
 - 30 Tribuna Criciumense, 3 maio 1959
 - 31 Tribuna Criciumense, 15 jun. 1969. Festival em benefício da “Bandinha Infantil da Próspera”. (Sob a orientação da Sra. Donatila Borba, uma representação teatral no Cine e Teatro Milanês, em benefício da bandinha da Próspera. Essa festa que promete apresentar autênticas revelações no teatro amador, está despertando incomum interesse.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense- 3ª ed. , 1985.
- _____. *Reflexões: A Criança, O Brinquedo, A educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987.

- CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano* (Artes de fazer). Petrópolis: Vozes, 1990.
- COSTA, Marli de Oliveira. “*Artes de Viver*”: *Recriando e Reinventando Espaços-Memórias das Famílias da vila Operária Mineira Próspera/ Criciúma (1945-1961)*. Dissertação de Mestrado em história. Florianópolis: CFH/UFSC, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990. p. 69.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: A problemática dos lugares*.(Trad. de Yara Khouri) PROJETO HISTÓRIA/10- PUC/SP, 1993.
- PERROT, Michele. *Os Excluídos da História*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- SILVA, Maria Alice Setúbal Souza e. *Memória e Brincadeiras na Cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX*. São Paulo: Cortez: CENPEC, 1989.